

DAVID REMNICK

A ponte

Vida e ascensão de Barack Obama

Tradução

Celso Nogueira

Isa Mara Lando



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by David Remnick

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The bridge — The life and rise of Barack Obama

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Foto de capa

© Platon

Preparação

Claudio Carina

Leny Cordeiro

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Angela das Neves

Erika Nakahata

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Remnick, David

A ponte : vida e ascensão de Barack Obama / David Remnick ;
tradução Celso Nogueira, Isa Mara Lando. — São Paulo : Compa-
nhia das Letras, 2010.

Título original : The bridge : the life and rise of Barack Obama.
Bibliografia.

ISBN 978-85-359-1765-9

1. Candidatos presidenciais - Estados Unidos - Biografia 2. Es-
tados Unidos - Política e governo - 1951 3. Estados Unidos. Congres-
so. Senado - Biografia 4. Illinois - Chicago - Política e governo - 1951
5. Legisladores - Estados Unidos - Biografia 6. Legisladores afro-ame-
ricanos - Illinois - Chicago - Biografia 7. Obama, Barack 8. Políticos
afro-americanos - Illinois - Chicago - Biografia 9. Presidentes - Esta-
dos Unidos - Biografia 1. Título.

10-10526

CDD-973.929092

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos ; Presidentes : Biografia 973.929092

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

Não resta dúvida de que nos próximos trinta ou quarenta anos um negro poderá atingir a mesma posição de meu irmão como presidente dos Estados Unidos.

Robert F. Kennedy, 27 de maio de 1961, na Voz da América

Eu me lembro de quando o ex-procurador-geral, o sr. Robert Kennedy, disse ser concebível que em quarenta anos poderíamos ter um presidente negro dos Estados Unidos. Para os brancos a declaração soou muito libertária. Eles não estavam no Harlem quando essa declaração foi ouvida pela primeira vez. Eles não escutaram o riso, a amargura e o desdém com que a declaração foi recebida. Do ponto de vista de um sujeito numa barbearia do Harlem, Bobby Kennedy chegou aqui ontem e já está a caminho da presidência. Nós estamos aqui há quatrocentos anos e ele vem nos dizer que talvez daqui a quarenta anos, se nos comportarmos, vão deixar um de nós ser presidente.

James Baldwin, 1965. “The American Dream and the American Negro”

Barack Obama é o que há no final daquela ponte em Selma.

John Lewis. Washington, 19 de janeiro de 2009

Sumário

Prólogo	11
-------------------	----

PARTE UM

1. Um destino intrincado	39
2. Superfície e contracorrente	84
3. Ninguém sabe o meu nome	117

PARTE DOIS

4. A metrópole negra	147
5. Ambição	210
6. Uma narrativa de ascensão	251

PARTE TRÊS

7. Alguém que ninguém mandou	295
8. Negro o bastante	348
9. A campanha na selva	377
10. Reconstrução	400
11. Um vento virtuoso	432

PARTE QUATRO

12. Uma ligeira loucura	467
13. O gigante adormecido	526
14. No parque de diversões racial	560
15. O Livro de Jeremiah	584

PARTE CINCO

16. Quanto tempo ainda? Não muito!	613
17. Rumo à Casa Branca	636

Epílogo	659
Agradecimentos e fontes	665
Notas	671
Bibliografia	693
Créditos das imagens	701
Índice remissivo	703
Sobre o autor	735

PARTE UM

É preciso sair de casa para encontrarmos o nosso lar.

Ralph Ellison, nota de margem em um original incompleto

I. Um destino intrincado

Dia comum em 1951 no centro de Nairóbi. Um inspetor sanitário municipal está sentado sozinho em seu escritório. Tem o rosto redondo e os traços espaçados de um jovem africano inteligente de 21 anos, frustrado em suas ambições numa época política conturbada. Está testando amostras de leite para o departamento de saúde local. O governo colonial iniciou a repressão ao movimento de independência queniano que começara a desabrochar ao final da Segunda Guerra Mundial. Em 1952, os britânicos declarariam estado de emergência e promoveriam uma campanha sistemática de prisões, detenções, tortura e assassinatos para sufocar o movimento nacionalista kikuyu, ao qual chamariam de “revolta Mau Mau”.¹

A porta se abre: uma mulher branca entra, trazendo uma garrafa de leite. Famílias de fazendeiros europeus e africanos apareciam no departamento o tempo inteiro para solicitar exame de produtos alimentícios e garantir que estavam livres de doenças antes de colocá-los no mercado.

O jovem se oferece para ajudar. Considera-se que ser funcionário qualificado na burocracia sanitária represente um emprego decente. Ele cresceu no leste do Quênia, em Kilimambogo, uma imensa fazenda de sisal de propriedade de sir William Northrup McMillan, uma espécie de grande Caçador Branco. A fazenda situava-se nas “terras altas brancas” perto de Thika, onde os europeus eram donos de todas as terras. O gerente de sua fazenda portava um *kiboko*, chicote de couro

de hipopótamo, e não relutava em usá-lo. O pai do inspetor sanitário era analfabeto, mas tinha um emprego relativamente privilegiado, como uma espécie de capataz da propriedade. A família morava numa casinha de taipa sem água encanada nem eletricidade, mas ele ganhava sete dólares por mês, o suficiente para manter o filho em uma escola de missionários. No Holy Ghost College, escola secundária na cidade de Mangu, o jovem estudou inglês e conheceu Abraham Lincoln e Booker T. Washington.² Mas logo se viu num beco sem saída. Não havia muito o que aprender em escolas sem livros didáticos, onde os alunos anotavam as lições na areia. Não havia universidades no Quênia. Os filhos dos europeus iam estudar “em casa”, e os poucos negros que podiam pagar uma faculdade iam para outros países da África Oriental. Ele pensou em estudar para ser padre, mas, como declarou depois, os missionários brancos do Quênia estavam “entre os que diziam aos africanos que eles ainda não estavam prontos para uma série de avanços, que deviam ser pacientes, crer em Deus e esperar o dia em que conseguissem avançar o suficiente”.³ Por isso o jovem foi estudar no Instituto Sanitário Real, uma escola para treinamento de inspetores sanitários, com uma bolsa de estudos.

A mulher europeia encarou o rapaz friamente. O nome dele era Thomas Joseph Mboya, embora a mulher não demonstrasse o menor interesse em saber disso.

“Não tem *ninguém* aqui?”, perguntou, olhando direto para Tom Mboya.⁴

Quando Tom ainda morava na fazenda de sir William, o pai costumava dizer a ele: “Não se coloque em oposição ao homem branco”.⁵ Porém Tom não suportava o gerente da fazenda, com seu chicote e seu andar arrogante. Não suportava o fato de seus colegas brancos no departamento de inspeção ganharem cinco vezes mais do que ele; e naquele dia comum não suportou aquela impertinente mulher branca fazendo tamanho esforço para olhar através dele, para reduzi-lo à invisibilidade por um ato de vontade.

“Madame”, ele respondeu, “há alguma coisa errada com seus olhos.”

A mulher saiu do escritório do inspetor pisando duro.

“O serviço deve ser feito por europeus”, ela disse. “Esse negrinho aí é muito malcriado.”⁶

Como milhares de outros quenianos naquela época, Tom Mboya ouvia os discursos de Jomo Kenyatta, conhecido como Burning Spear [Lança Flamejan-

te], o estadista mais antigo e principal porta-voz do movimento pela independência do Quênia. Os movimentos anticolonialistas ganhavam força por toda a África: Nigéria, Congo, Camarões, Costa do Ouro, Togo, Federação do Mali, Senegal e Sudão Francês, Somália, Madagascar.

Em 1955, aos 25 anos, Mboya ganhou uma das raras bolsas para estudar por um ano no Ruskin College, em Oxford, onde aprendeu política e economia e ingressou no Clube Trabalhista e no Clube Socialista, descobrindo um círculo de professores liberais e anticolonialistas.⁷ Para Mboya, sem experiência universitária anterior, o ano em Ruskin o fez pensar em quanto outros quenianos poderiam ganhar com uma educação superior em países estrangeiros.

Quando retornou a Nairóbi, no ano seguinte, Mboya começou a se tornar conhecido como ativista político e organizador sindical. Como Jomo Kenyatta havia passado quase toda a última década de domínio colonial preso, as pessoas passaram a falar do jovem e carismático Tom Mboya, da minoritária tribo luo, como um futuro líder no Quênia pós-colonial e político de uma nova estirpe. Kenyatta, um herói queniano especial, era um típico combatente anticolonialista, rodeado de kikuyus leais. Mboya esperava que o Quênia superasse suas divisões tribais e caminhasse no sentido de uma concepção integradora, com um governo democrático autônomo alinhado com o desenvolvimento econômico liberal.

Em 1957, depois que os britânicos fizeram concessões a respeito do número de africanos que podiam assumir cadeiras no Conselho Legislativo do Quênia, Mboya, aos 26 anos, conquistou uma cadeira para representar Nairóbi, uma região onde predominava o idioma kikuyu. Luo, a tribo de Mboya, provinha principalmente de áreas próximas ao lago Vitória, na parte ocidental do Quênia. Logo ele se tornou ao mesmo tempo secretário-geral da União Nacional Africana do Quênia, principal partido independentista, e da Federação Trabalhista do Quênia. Era um orador eletrizante e um diplomata eficaz. Antes de completar trinta anos, Mboya já era um símbolo internacional do anticolonialismo e dos direitos civis. Nos Estados Unidos, ele se reuniu com Eleanor Roosevelt, Richard Nixon, Thurgood Marshal e Roy Wilkins, chegando a subir ao palanque com Martin Luther King Jr. em um ato pelos direitos civis. Na ausência de Kenyatta, ele liderou delegações à Lancaster House, em Londres, para negociar os termos finais da independência do Quênia. Em março de 1960, os editores da *Time* dedicaram a capa da revista a Mboya, como exemplo dos movimentos de independência que se espalhavam pelo continente.

Uma das frustrações do movimento era não haver um modo fácil de desenvolver o potencial intelectual dos jovens quenianos. Para Kenyatta e Mboya, era mais fácil vislumbrar o fim do colonialismo do que imaginar um número suficiente de quadros africanos preparados para governar o país. “Com muita frequência durante a luta nacionalista”, escreveu Mboya, “nossos críticos diziam que o povo africano não estava pronto para a independência por não contar com um número suficiente de médicos, engenheiros e administradores capazes de assumir a máquina governamental quando o poder colonial se ausentasse. Essa crítica nunca se justificou. Em nenhum momento o poder colonial quis educar a maioria da população para o dia da independência.”⁸ Os quenianos teriam de fazer isso por conta própria.

Mboya tentou persuadir os britânicos a conceder bolsas de estudo para que jovens quenianos promissores estudassem em outros países.⁹ Apresentou a proposta de uma “ponte aérea” com universidades estrangeiras. Trabalhou em conjunto com diversos liberais americanos abastados para desenvolver essa ideia, em particular com o industrial William X. Scheinman. Para os americanos, a ponte aérea tinha uma motivação ligada à Guerra Fria: conforme conquistavam sua independência, os países africanos poderiam se aproximar mais do Ocidente, em vez da União Soviética, se os jovens da elite cursassem universidades nos Estados Unidos e na Europa Ocidental. Em 1958, quando Mboya estava desenvolvendo essa ideia, o total de quenianos negros em universidades chegava a algumas centenas em faculdades africanas, 74 na Grã-Bretanha e 75 na Índia e no Paquistão.¹⁰ Albert Sims, especialista em educação, ex-funcionário do Departamento de Estado e do Peace Corps, calculou que na África subsaariana apenas uma criança em 3 mil frequentava o curso secundário, e um em cada 84 mil jovens cursava “algum tipo de faculdade”.¹¹ Essa certamente era uma das razões pelas quais uma colônia de 65 mil europeus conseguira manter o poder sobre mais de 6 milhões de africanos por tanto tempo.

A administração colonial rejeitou a proposta da ponte aérea de Mboya alegando que seu programa educacional “intensivo” era mais político do que pedagógico e que faltavam preparo e recursos à maioria dos estudantes, o que os levaria a fracassar nas faculdades americanas.

O Departamento de Estado dos Estados Unidos não pretendia desafiar os britânicos concedendo recursos a Mboya. Por essa razão, ele foi pessoalmente aos Estados Unidos em busca de fundos privados. Durante seis semanas, Mboya pro-

feria até seis palestras diárias em campi de faculdades, na esperança de despertar o interesse pelo programa e obter bolsas de estudo.¹² Conseguiu promessas de cooperação de várias escolas, em especial de faculdades negras históricas como Tuskegee, Philander Smith e Howard, bem como de faculdades ligadas a entidades religiosas como o Moravian College, na Pensilvânia, e a Universidade St. Francis Xavier, em Nova Scotia.¹³

Ao lado de seus novos companheiros americanos, Mboya ajudou a formar a African-American Students Foundation — AASF (Fundação dos Estudantes Afro-Americanos) para arrecadar fundos. No outono de 1959, com o apoio da AASF e de dezenas de universidades americanas, a ponte aérea começou. Entre os 8 mil doadores havia celebridades negras como Jackie Robinson, Sidney Poitier, Harry Belafonte e a esposa de Ralph Bunche, além de liberais brancos como Cora Weiss e William X. Scheinman.

De volta a Nairóbi, Mboya não teve muito tempo para analisar as inscrições. Centenas de pessoas faziam fila na sua porta todos os dias requisitando pedidos referentes a serviços de saúde, decretos sobre divórcio, dotes, disputas fundiárias. Mboya estudou as pilhas de fichas dos rapazes e moças quenianos que haviam terminado o curso médio com destaque e faziam trabalhos braçais ou maçantes, muito abaixo de seu potencial. As solicitações dos estudantes eram sinceras e patrióticas. Suas ambições não eram emigrar ou fugir do país, mas sim estudar e voltar para servir ao Quênia independente.

A ponte aérea prosseguiu até 1963 e provocou efeitos profundos, de modo que o programa logo foi estendido a outros países africanos. “Meu pai foi um dos poucos políticos quenianos que se sentia em casa tanto numa aldeia quanto no palácio de Buckingham”, declarou Susan, filha de Mboya. “A África tem uma sociedade complexa e precisa de pessoas instruídas e cosmopolitas o bastante para tornar esses universos mutuamente compreensíveis. Sem isso, estamos perdidos. A ponte aérea gerou um grupo de pessoas capacitadas para lidar com o futuro do Quênia.”

A ponte aérea foi um evento marcante na história do Quênia na época em que se aproximava da independência. Segundo um estudo realizado pela Universidade de Nairóbi, 70% dos postos do alto escalão do governo pós-colonial foram preenchidos por pessoal formado pela ponte aérea. Entre eles estavam a ambientalista Wangari Maathai, primeira africana a ganhar o prêmio Nobel da paz. Outro era um luó de uma aldeia próxima ao lago Vitória, um jovem econo-

mista com modos confiantes e uma voz rica e melodiosa. Seu nome era Barack Hussein Obama.

Em Selma, Barack Obama Jr. disse que relacionava “sua própria existência” à família Kennedy. Os Kennedy haviam doado dinheiro ao programa educacional de Tom Mboya para jovens quenianos. Obama exagerou, tanto em termos factuais quanto poéticos. Os Kennedy não contribuíram para a primeira ponte aérea, o voo fretado que levou o pai de Obama e outros oitenta estudantes de Nairóbi aos Estados Unidos em setembro de 1959. Como o *Washington Post* relatou um ano depois do discurso de Selma, Mboya abordou Kennedy na propriedade da família em Hyannisport em julho de 1960, *depois* da primeira ponte aérea, na esperança de conseguir financiamento para uma segunda.¹⁴ Na época, Kennedy era presidente do subcomitê do Senado para a África e candidato a presidente. Ele ouviu a proposta de Mboya e lhe deu 100 mil dólares da fundação familiar que homenageava seu irmão Joseph, morto na Segunda Guerra Mundial. O vice-presidente Richard Nixon, que disputava a presidência com Kennedy naquele ano e que também estava ansioso para conquistar votos entre os negros, já havia tentado obter apoio ao plano junto ao governo Eisenhower, mas sem sucesso. Esse fracasso e a perspectiva de Kennedy divulgar seu gesto generoso o frustraram profundamente. Um dos aliados de Nixon, o senador Hugh Scott, acusou Kennedy de fazer a doação usando uma fundação isenta de impostos por motivos políticos — uma acusação que Kennedy considerou “o ataque mais injusto, distorcido e maldoso que já sofri em catorze anos de política”.¹⁵

Um dos porta-vozes da campanha de Obama, Bill Burton, demorou a se desculpar pelo erro no discurso sobre a geração de Josué, porém a abordagem de Obama em Selma não foi ardilosa. O lado queniano da família não tinha ficado alheio à história. Seu pai pertenceu a uma geração de transição, que deu o salto do colonialismo para a independência, do isolamento forçado para as primeiras aberturas às oportunidades mundiais. E o próprio Obama não se dispunha a ser apenas o primeiro afro-americano eleito para a Casa Branca, mas também a fazer isso como um homem cuja família escapara da vida rural, da opressão e de um governo colonial há apenas uma geração.

Quando concorria a senador, em 2003 e 2004, Obama disse que seu pai “tinha saltado do século XVIII para o século XX em poucos anos. Ele deixou de ser

pastor de cabras numa aldeia africana para virar bolsista na universidade do Havai e chegar até Harvard”.¹⁶ A noção de que o pai ou o avô de Obama haviam sido meros “pastores de cabras” era também uma forma de exagero romântico. Os trabalhos braçais jamais foram seu destino ou ocupação: cuidar de cabras era uma coisa que todos os moradores da aldeia faziam, até os anciãos mais distintos como os membros da família Obama. “Todos nós, que crescemos no interior, éramos pastores de meio período”, declarou Olara Otunnu, luó e ex-ministro das Relações Exteriores de Uganda, amigo íntimo do pai de Obama. “Não tinha a menor importância. Era algo que todos faziam na época de estudante. Dentro dos padrões africanos, o avô de Obama pertencia à classe média ou à classe média alta. Eles usavam pratos de louça e copos de vidro! O salário como cozinheiro dos britânicos era irrisório para os padrões ocidentais, mas significava dinheiro na mão. Ele era muito respeitado em sua aldeia. E o pai de Obama cresceu com tudo isso e, claro, seguiu adiante. Veja a capa de *A origem dos meus sonhos*. Veja a fotografia da esquerda, do pai de Obama no colo da mãe. Ele está usando trajes ocidentais. Um verdadeiro ‘pastor de cabras’ usaria tanga. O avô era nitidamente mais ocidentalizado que a maioria, e a família seguiu na mesma linha.”

O avô de Barack Obama, Onyango Obama, nasceu em 1895 no oeste do Quênia. A vida na aldeia o exasperava. “Diziam que ele parecia estar sentado sobre um formigueiro, porque não conseguia ficar parado”, comentou Sarah Ogwel, sua terceira esposa.¹⁷ Onyango aprendeu a ler e a escrever em inglês e depois fez uma viagem de duas semanas até Nairóbi, onde conseguiu emprego de cozinheiro para ingleses brancos. Um “Registro de bolso do empregado doméstico” que Obama viu quando visitou Kogelo mostra que em 1928, aos 35 anos, Onyango trabalhava como “menino de recados”.¹⁸ Havia comentários curtos nos registros, feitos por um capitão C. Harford, um dr. H. H. Sherry e um sr. Arthur W. H. Cole, do East Africa Survey Group [Grupo de Pesquisa da África Oriental]. O sr. Dickson elogiava a comida de Onyango (“Suas tortas são excelentes!”), mas o sr. Cole declarou que ele era “inadequado e certamente não vale 60 xelins por mês”.

Quando Helima, primeira mulher de Onyango, descobriu que não podia engravidar, ele venceu outro participante num leilão por uma jovem chamada Akumu Nyanjoga, pagando um dote de quinze cabeças de gado. Em 1936, Akumu teve um filho, Barack. Logo depois, Onyango Obama conheceu e se casou com Sarah Ogwel. Akumu considerava o marido autoritário e exigente. Pegou os dois filhos e o abandonou. Para Barack, Akumu e Sarah eram suas mães (até

hoje Barack Jr. chama Ogwel, que tem mais de oitenta anos e ainda reside na aldeia de Kogelo, de “vovó” ou “mama Sarah”). Sarah contava aos netos histórias das aventuras mitológicas do marido — como Onyango, na viagem até Nairóbi, afugentou leopardos com seu *panga*,* subiu numa árvore e passou dois dias nos galhos para se proteger de um búfalo furioso, e como encontrou uma cobra dentro de um tambor.

Onyango era herborista, curandeiro e fazendeiro respeitado, um homem proeminente em sua aldeia. Era também um pai severo, como a maioria dos luos, exigindo que os filhos se comportassem como os meninos e meninas obedientes que vira quando trabalhava para os patrões britânicos. “Nossa, ele era mesmo *malvado!*”¹⁹ Obama cita o meio-irmão Abongo: “Ele o fazia sentar-se à mesa para jantar e servia a comida em porcelana, como um inglês. Se você dizia algo errado, ou se usasse o talher errado, pronto! Ele o atingia com a bengala. Às vezes, quando ele o atingia, você só descobria o motivo no dia seguinte”.** Antes do nascimento de Barack pai, Onyango morou um tempo em Zanzibar e se converteu ao islamismo. Mais de 90% dos luos eram cristãos; a decisão de se converter era uma coisa muito rara, e os motivos foram vagos. Onyango acrescentou “Hussein” a seu nome e o passou para Barack quando o filho nasceu.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Onyango serviu como cozinheiro do exército britânico em Burma. É provável que tenha servido no regimento colonial dos King’s African Rifles — KAR [Fuzileiros Reais Africanos], formado por residentes de áreas controladas pelos britânicos no continente africano. Era chamado de “negrinho” pelos oficiais e soldados britânicos, sofrendo humilhações de todos os tipos, como outros africanos negros na mesma situação. O próprio serviço era indigno: na sociedade luo os homens não cozinhavam. “E lá estava um líder de aldeia, chefe de um clã importante, executando tarefas femininas para os brancos: ele precisou se adaptar psicologicamente”, declarou Olara Otunnu, amigo ugandense de Obama. “Os colonialistas tratavam muito mal seus serviçais. Eram rudes e desrespeitosos. Qualquer um sofria por ser ‘coolie’, para usar um termo colonial antigo, especialmente um líder comunitário como Onyango.”

* Termo africano para machete ou facão. (N. T.)

** Os trechos da autobiografia de Barack Obama citados neste livro foram extraídos de *A origem dos meus sonhos* (São Paulo: Editora Gente, 2008, tradução de Irati Antonio, Renata Laureano e Sonia Augusto). (N. T.)